

Apêndice A

ENTREVISTAS E PHOTOVOICE



72 Anos
Objeto: Anéis

Anéis guardados por um
dos participantes.

Estás a ver esta menina? É a minha filha.
Tem 24, 25 anos... eu fiquei grávida dela quando o pai morreu,
num acidente de carro.
Eu estava grávida... e tinha já um filho com oito anos.
Tive de criar os dois sozinha. A ela e ao irmão, sem nunca lhes
faltar nada.
Nunca me vieram visitar.
Estou aqui há 12 anos. Qualquer coisa que eu saiba deles, não
são eles que me contam, é através de outros e é isso que me
magoa muito.
O que é certo é que ficaram bem. Estão bem. O pai era filho de
gente com muito dinheiro.
Eu não cuidei de mim para cuidar deles, e hoje estou aqui.

Porque é que acha que eles não a vêm visitar?

Não faço a mínima ideia. Têm vergonha... não sei.
Mas eu também sou assim: cada pessoa que me faz alguma
coisa, eu prefiro não me meter.
Sou amiga dos meus amigos, mas não gozem com a minha
cara, isso não admito.
E por isso eu não sei nada deles. Procurá-los, eu até saberia
onde os encontrar, mas não vou. Uma coisa que eu não
aguento é hipocrisia.
E acho que os meus filhos foram muito hipócritas. Porque
quando conseguiram fazer a vida deles... viraram-me as costas.
Mandaram até a polícia ter comigo, só para saber onde é que
eu estava, e se estava viva.
Mas vir aqui? Nunca vieram.

Como é que acabou nesta situação?

Oh filha... sei lá.
Foi a vida que aconteceu, sabes? Quando o pai deles morreu...
eu estava grávida. Ia fazer o quê? Não ia matar, ela não tinha
culpa nenhuma.
É como eu te estava a dizer...quando já têm dinheiro na conta,
depois que estão bem de vida, viram-te as costas.
Não quiseram mais saber da mim..
Mas pronto, é o que é. Dei-lhes o melhor de mim, isso sei.
Hoje sou uma mulher revoltada. Há coisas muito injustas.
Estou revoltada até comigo própria.

Chegou a viver na rua?

Vivi... vivi sete anos na rua.
É muito difícil. No verão nem tanto, mas no inverno...Uma vez
apanhei uma molha... ia dormir toda encharcada, passei muito

mal, durante muito tempo.
Houve uma noite que, até foi uma menina como tu, uma jovem, que me ajudou. Deu-me roupa seca, para ver se não apanhava uma hipotermia ou sei lá. É difícil.
Agora estou aqui neste abrigo há 13 anos, ajudo a dona. Mas não gosto de muita confusão, nem de muita gente à minha volta, prefiro estar no meu canto.
Tenho alguns amigos... poucos, mas bons.
Mais vale sozinha do que mal-acompanhada, não é?

Tem alguém consigo agora?

Tenho um companheiro. Já estou com ele há uns anos. Sofri muito nas mãos dele, por causa de outra moça... mas agora está mais calmo.
Então pronto... vamos vivendo um dia de cada vez.

No meio de tudo isso... o que é que a mantém forte?

Nem sei. Olha, sou uma mulher de fé.
Às vezes digo para mim:
"Deus de facto não dorme." Deus vê tudo.
E também te digo uma coisa: cá se fazem, cá se pagam, acredito muito nisso. Se calhar estou a pagar agora por coisas que fiz.
Já pedi muitas vezes a Deus para me tirar daqui...porque já não estou cá a fazer nada.
Mas pronto, Deus é que sabe.

Perguntei-lhe também há pouco sobre objetos...há alguma coisa que guarde consigo?

Tenho os meus anéis.
São do meu marido. Tenho-os há 27 anos.
São memórias de quem já cá não está.
Acho que não os tiro desde que ele morreu, já nem sei se saem daqui sinceramente.



ENTREVISTA 02

51 Anos
Objeto: Rádio

Rádio pertencente a um dos participantes entrevistados.

Estavas a falar há bocado dos internamentos... queres explicar-me melhor isso?

Eu já tive muitos internamentos, de norte a sul do país... psiquiátricos. Na altura tinha saído dos cuidados intensivos, completamente desorganizado. Há uns três anos deixei de ir tanto, também porque comecei a ter alguém que me ajudasse com a medicação. Porque sozinho... eu tomava tudo de uma vez. E depois ficava sem nada. Quando fico sem medicação começo a ficar descompensado... às vezes aguento três, quatro dias sem tomar. Medicação para a esquizofrenia... e depois outras coisas: para dormir, vitaminas...Tenho que me segurar.

Como é que foste parar a esta situação? Quando é que começou?

Isto já vem de há muitos anos... eu tinha vinte e tal anos quando comecei a sair de casa e vir para o Porto. Tinha uma mania de perseguição. Perseguiam-me. Mas isso é tudo mentira, eu é que... alimentava isso no cérebro Depois tive uma madrastra. Era horrível aquilo, em casa.

Foste vivendo na rua?

Sim... tive anos assim, mas não seguidos. Ia tendo internamentos, depois saía, depois voltava à rua. Tive muita sorte. Tive muita sorte, para estar aqui ainda... continuo. Para o que já passei, tive sorte. Podia já estar morto.

Nestes últimos anos, o que é que aconteceu?

Há cerca de três anos estava mesmo muito mal. Tinha saído dos cuidados intensivos. Assinei que estava com responsabilidade e fui assim embora.

Tinha acumulado os vales todos da Segurança Social, que eram uns 7.000 euros. E vim para o porto depois, mostrei a duas pessoas, andava a mostrar o dinheiro e fui assaltado. Depois andava ali pela zona, a dormir na pedra. Foi aí que conheci a ***** que me começou a ajudar. Eu pedi ajuda. Disse mesmo “ajuda-me”. E a partir daí começou a acompanhar-me, a ajudar com medicamentos, com médicos.... Ainda fiquei dois, três meses na rua depois disso, mas já não estava completamente sozinho. Foi uma grande ajuda para mim.

Hoje em dia, onde é que estás a viver?

Estou numa pensão. Já foi pior, mas continua complicado. Aquilo tem de tudo... pulgas, ratos... não é um sítio fácil. E eu também ... Não tenho armário, não tenho sítio para guardar as coisas. Tenho uma mala e sacos... meto tudo lá dentro. Eu não tenho sítio onde pôr o pão. Deixo-o no chão e os ratos levam-no para debaixo da cama... Agora arrumei um bocado melhor o quarto, meti tudo em sacos de plástico...

Perguntei-te há pouco se tinhas algum objeto que levasses sempre contigo...não há mesmo nada?

Não, não levo nada. Quando mudo de sítio, deito tudo fora. Não há condições para andar com coisas... Mas tenho o meu rádio. Gosto de ouvir música. É a minha companhia. Deixo-o ligado a noite toda... e depois fica sem pilhas ou sem bateria.

Esse rádio é sempre o mesmo?

Não. Vai mudando. Uma vez recebi dinheiro e fui comprar um rádio de pilhas. Foram vinte euros... um rádio. Este que tenho agora foi o senhor, dono da pensão onde estou, que me ofereceu. É tipo despertador. Mas já tive vários... é uma coleção



ENTREVISTA 03

23 Anos
Objeto: Colar ("guia")

Colar de missangas "guia",
pertencente a um dos
participantes entrevistados.

Então, conta-me um bocado da tua história. De como foi ficares sem casa.

Basicamente, eu tinha um espaço muito confortável a nível financeiro e físico, na minha casa no Brasil. E eu vim para Portugal por causa de problemas pessoais e familiares, no ano de 2018.

E foi uma mudança não só a nível de casa e conforto, que foi o que eu perdi fisicamente, mas também a nível de... o espaço lar como conforto psicológico. E isso mexeu muito comigo, porque eu estava num país em que eu não conhecia ninguém, que eu não sabia, não entendia muito bem... Uma mudança cultural muito grande. E eu senti-me muito, muito... indigente, sem saber para onde ir quando eu tenho algum problema. Porque era muito isso que eu fazia no Brasil. Tipo, eu sabia exatamente para onde correr, para onde ir. E quando eu vim para cá, perdi muito isso.

Entretanto vieste para cá e foste um bocado de casa em casa, de amigos, de parentes, etc.?

Sim. Porque a minha situação familiar aqui envolveu um divórcio e depois muitas mudanças de casa. Então eu nunca tive estabilidade a nível de moradia. Portanto, esse sentimento de não pertencer a nenhuma casa... nenhum lar. É constante

Tens algum objeto que trouxeste contigo, que tragas sempre contigo, que, se ficasses agora outra vez na mesma situação, levavas contigo?

Sim. É assim, eu... por essa questão de andar sempre de casa em casa ser muito antiga, eu não costumo ter muitas coisas que levo sempre em muita quantidade, porque eu já sei que é instável.

Mas eu tenho a minha guia, que é um objeto que nós usamos na minha religião. E é um objeto de proteção. É como se fosse um colar de missanga que vai até o umbigo, que nós usamos debaixo da roupa. E eu estou sempre, sempre, sempre com ele. É o meu objeto de conforto, basicamente. E é o que eu levo

para qualquer lado.

Porque é que esse é o teu objeto de conforto?

Porque uma das questões desse sentimento de não pertencer a lado nenhum... um lugar que eu consegui entender que eu pertenço é dentro da minha religião.

Então dá-me um conforto saber que, independente de qualquer coisa, eu olho para baixo, vejo a minha guia e tipo... eu sei que pelo menos há um sítio em que pertenço.

Achas que esse objeto reflete a tua personalidade ou conta alguma parte da tua história?

Sim, definitivamente. Porque é uma religião que não é tradicional, não é cristã. Então é algo muito pessoal. É muito pessoal a minha história a nível dessa religião, é muito pessoal todo o processo (...). Então é uma história mesmo construída. Desde que eu entrei, é muito importante para mim fazer isso... eu consigo ver a minha história nele (no objeto).

Como é que foi, de repente, ficar sem casa e sem os apoios que tu tinhas?

Foi difícil. Principalmente pela parte psicológica. Já no Brasil eu andava bastante de casa em casa por causa da profissão do meu progenitor, ele tinha de se mudar de dois em dois anos. Então é algo que eu sempre... sempre fui meio nómada. Mas quando eu vim para Portugal foi uma mudança extrema que eu nunca tinha passado, que é passar de um país para o outro. E não foi fácil, não foi fácil a nível de realmente não ter um lugar confortável que eu conheça, que eu conheça as pessoas e tudo.

Houve algo que gostavas de ter trazido contigo, mas que não conseguiste?

Acho que não. Acho que eu sempre me adaptei muito a nível

de não me prender a objetos e a coisas.

Porque eu sei que em algum momento eu não vou poder levar nada.

Então acho que nunca me apeguei assim tanto.

O que é que as pessoas normalmente não percebem sobre essa experiência de ficar sem casa?

Acho que a maioria das pessoas, quando precisa de algum refúgio, sabe para onde ir.

Seja um quarto, seja a sua cama, seja a sua família...

E eu nunca tive essa questão.

Nunca fui muito apegada a um lugar específico, porque eu já sei que estou predisposta a isto acontecer em qualquer momento.

Portanto, acho que as pessoas não entendem o que é o sentimento de não se sentir 100% pertencente a algum lado.

E achas que as pessoas, no geral, conseguem imaginar-se nessa situação?

Não. Acho que é uma situação muito difícil de imaginar se nunca passaste.

Porque do dia para a noite tu literalmente podes perder tudo, físico, família, amigos...

Mas acho que ninguém consegue imaginar o quão impactante isso é na vida de alguém.

Achas que antes de te acontecer, conseguias imaginar que algo assim te iria acontecer?

Não... nunca.

A gente acha que consegue imaginar, tipo “ai, se isso me acontecesse blablabla”.

Mas quando acontece, a realidade é completamente diferente, principalmente a nível psicológico.



ENTREVISTA 04

46 Anos
Objeto: Bíblia

Bíblia de um dos participantes entrevistados.

Fala-me um bocadinho do teu percurso. Como foste parar a uma situação de instabilidade habitacional?

Senta que aí vem história...

Cresci num ambiente muito instável, rodeada de conflitos familiares e de situações difíceis. As pessoas que deveriam proteger-me eram muitas vezes as que mais me deixavam desamparada. Onde deveria existir segurança, existia medo... Havia muita violência, muita gritaria... e acabei por crescer sem perceber muito bem o que era uma relação saudável. Hoje consigo compreender que os meus pais também vieram de contextos muito delicados e carregavam as próprias dores. Casei muito nova, divorciei-me, e mais tarde conheci um português quando ainda vivia no Brasil.

Vim para Portugal porque acreditava mesmo que estava a reconstruir a minha vida. Queria trabalhar, criar estabilidade e mais tarde trazer os meus filhos.

Mas quando cheguei cá fiquei completamente sozinha. Não conhecia ninguém, não tinha apoio, não tinha telefone e mal conseguia perceber o português de Portugal.

Comecei a trabalhar a cuidar de idosos numa quinta...tinha literalmente só a roupa do corpo. Acabei por encontrar roupa num contentor, lavei-a e continuei.

Nessa primeira noite percebi que não tinha onde dormir.

Fiquei sentada cá fora, sem saber o que fazer.

Perguntei a uma funcionária, com vergonha, se havia algum lugar onde eu pudesse ficar aquela noite. Ela explicou-me que o único espaço aberto naquele momento era a lavandaria, então dormi lá naquela noite. Limpei o espaço o melhor que consegui, lavei cuidadosamente um pano que encontrei e escolhi alguns lençóis menos usados para me aconchegar. Também lavei a roupa que tinha encontrado no contentor e deixei-a a secar, porque era verão. Nessa noite, dormi ali mesmo, usando um balde como apoio. No dia seguinte levantei-me e fui trabalhar normalmente, como se estivesse tudo bem.

Hoje consigo olhar para trás e perceber que acabei naquela situação por falta de maturidade, falta de orientação, falta de conhecimento sobre a vida e sobre os perigos.

Apesar de me considerar uma sobrevivente de tudo aquilo que vivi, eu estava completamente sozinha num país desconhecido, sem apoio, sem referências, sem conhecer ninguém, e acreditando genuinamente que estava apenas a tentar fazer a coisa certa.

O que foi mais difícil nessa fase?

Estar longe dos meus filhos. Não havia um único dia em que eu não sofresse com isso.

A solidão também era muito difícil...

O que sentes que as pessoas assumiam erradamente sobre ti nessa altura?

No Brasil existe muito a ideia de que quem vem para Portugal vai ter uma vida fácil. Mas eu sofri muito.

Também ouvi muitas coisas por ser brasileira. Diziam-me: “Aqui nunca vais ser enfermeira” ou “Aqui vocês são putas”
As pessoas julgam sem saber a história que existe por trás.

Houve algum objeto que te tenha acompanhado sempre nessa fase?

A minha Bíblia.

Sou Cristã evangélica, e todos os dias em oração e ao ler a Bíblia, que é uma doutrina Cristã, eu relembro dos milagres que Deus tinha feito desde o início da Criação, como abertura do mar vermelho, queda das muralhas de Jericó, o Maná do Céu, brotar água da rocha...

Eu tinha um objetivo de vida, que era unir meus três filhos e ajudá-los a encontrarem o caminho do bem, sem precisar de passar pelo que passei. E sempre contei com Jesus.

Diante de Deus, isso era o que me ajudava e fortalecia...Jesus e meus filhos

O que representa esse objeto para ti?

A Bíblia representa toda minha história

Todo meu presente, onde busco minhas forças quando erro e acerto... e o meu futuro... continuo arduamente vivendo os sonhos de Deus na minha vida. Pedindo sabedoria, correção, proteção, saúde e felicidade para minha família.

Achas que as pessoas conseguem imaginar-se facilmente



ENTREVISTA 05
51 Anos
Objeto: Peluche do Snoopy

Peluche do Snoopy
preservado por um dos
participantes.

Portanto, estavas-me a dizer que tiveste algumas épocas complicadas. Podes contar-me um bocadinho sobre isso?

Sim, foram duas épocas na realidade.

Uma foi em 98. Eu morava numa república com outras meninas. Fiquei desempregada e elas começaram a fazer um monte de coisas contra mim. Nessa altura eu fiquei grávida de um ex-namorado meu, passei mal e tive um aborto espontâneo. Foi uma confusão muito grande.

E o que é que elas fizeram? Elas viraram-se todas contra mim e eu tive de sair de casa, da noite para o dia, com as minhas coisas.

Fui para a casa de uma vizinha, pedi abrigo para ficar lá até sábado. Tive de ir a tribunal e pagar para conseguir reaver as minhas coisas.

Depois fui para outra cidade, em 1998. Eu trabalhava num supermercado ao lado da minha casa, era gerente de caixa na altura. Conheci um rapaz, comecei a namorar com ele. Em 2001, fiquei grávida do meu primeiro filho. Trabalhei durante a gravidez toda e fui para casa da minha mãe para ter o menino. Na altura, eram quatro meses de licença de maternidade e eu tinha dois meses de férias, ia ficar seis meses afastada.

Acabei por ficar sem emprego outra vez.

Não tinha dinheiro para nada. Tive de devolver a casa onde morava. Tive de morar num barraco, que era só telhado, paredes, uma janela e uma porta. Tive de arranjar um pedaço de madeira para pôr no chão, para colocar o colchão, porque o meu filho tinha sete meses.

Depois fui morar na casa da mãe do pai do meu filho. Só que tivemos uma discussão, por causa de comida, por causa de uma panela que a mãe dele fez. Foi uma confusão. Ele veio para cima de mim para me bater, veio para me dar um soco. Eu estava com o meu filho ao colo.

Chamei a polícia. Quando voltei, ele pegou em todas as minhas coisas e atirou-as para a garagem do tio dele.

Foi uma situação muito feia, porque tive de pegar num edredão que tinha e meter dentro desse edredão as minhas coisas, as coisas do meu filho, o essencial. As minhas coisas mesmo ficaram todas para trás. Entrei noutra casa e fui para

casa da minha mãe.

Os meus pais, para mim, são tudo. Eu não fico sem eles. Tenho muito medo de ficar sem eles um dia.

Nessa altura, que objeto é que trouxeste contigo ou que te acompanhou nesse percurso?

Então, a única coisa que consegui recuperar quando fui buscar as minhas coisas, quando voltei a trabalhar para uma empresa grande, foi o meu fogão, a televisão e uma cama. O resto, ele consumiu tudo. Fui buscar o que restava e aí veio o Snoopy. Eu sempre gostei muito desses bonecos, sou apaixonada. Pareço uma criança com essas coisas. Ele acompanhou-me quando aconteceu essa transição, de eu sair da república onde morava, ter de ficar na casa de uma vizinha, voltar para casa da minha mãe. Para onde eu ia, eu levava-o. Porque, na altura, eu recebi-o da minha madrinha, foi uma prenda de Natal. Eu tinha 12 anos, na época. Ela era como se fosse a minha segunda mãe, porque me criou mais do que a minha mãe. A minha mãe era professora e trabalhava o dia todo. Então eu ficava com a minha madrinha o tempo inteiro.

Para ti, o que é que foi mais difícil?

Foi perceber que pessoas que eu achava que eram minhas amigas nunca foram. Eram amizades por interesse. Enquanto eu estava lá, enquanto conseguia fazer tudo, arrumar tudo, estava tudo bem. No dia em que não consegui, a primeira coisa que fizeram foi virar-me as costas. Não tenho raiva, não tenho nada. Às vezes ainda falo com algumas, há outras que nem sei por onde andam. Mas trato como colegas.

Sentes que as pessoas que nunca passaram por isso conseguem perceber?

Não. É muito difícil alguém dizer “eu imagino-me no teu lugar”. Muito difícil. O que ouves é que és forte, trabalhadora... mas perceber mesmo, não percebem.

O que é que achas que não conseguem entender?

